

infeliz, onde deve expiar suas faltas em duras provas. Infelizmente, em vez de se submeter à dor, que redime, o homem se rebela por orgulho, que lhe agrava a situação, e assim prolonga seu cativeiro no cárcere da matéria.

*Nota:* Alguns versos, como os terceiros acima, além de outros, foram depois modificados pelo Espírito comunicante.

A ortografia do original, redigido a lápis pelo médium, em toda esta série de sonetos, é a antiga, o que mais testemunha a veracidade da autoria destas produções. Este acréscimo de testemunho se entende com os incrédulos, não, evidentemente, com os confrades. Diremos, a propósito, com o excelsa Camões:

"Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,  
E não a mí, que creio o que podesis."

— / / / —

## Soneto II

26-11-1946

*Novamente a escrever, Musa inconstante,  
Desafiando o espírito moderno...  
De onde vens, triste Elmano? Vens do inferno?  
Dos complicados círculos de Dante?*

— *Não perturbes o alígero viajante!  
Proclamo a essência do meu ser eterno!  
Depois de atravessar o escuro Averno,  
Consterná-me a Verdade alucinante.*

*O que Elmano chorou ao surdo vento  
No Letes se perdeu... Jamais te conte  
O que te agrave o lóbrego tormento!*

*Basta a certeza, a mitigar-te a fronte,  
De que além do cadáver macilento  
Contemplarás a luz de outro horizonte...*

As comunicações de além-túmulo provam-nos a sobrevivência do Espírito. Não deve, porém, tal intercâmbio ser utilizado na ociosa indagação, por mera

curiosidade, da situação particular de cada pecador no mundo espiritual. Outrossim, a certeza de haver "outro horizonte", além do qual se estará banhado da luz verdadeira, nos obriga a pensar em que todos os nossos atos serão aí focalizados; dai o cuidado em nosso proceder na Terra, pela responsabilidade com a qual enfrentaremos a Luz Celeste.

— / / —

### Soneto III

27-11-1946

*Sonhava o pobre Elmano, ao sol da graça,  
Aventuras sem fim que Amor nutria,  
Louco, vivendo ingrata fantasia,  
Da velha China às margens do Regaça.*

*Infortunado vate! Mal sabia  
Que o langotim da carne brilha e passa!  
E, cego de prazeres, pôs-se à caça  
Das mentiras cruéis que Amor trazia.*

*Que vale o bojo lúcido e encantado  
De embarcação sem praias, onde aporte,  
Brigue de ouro no abismo encapelado?*

*Assim colhi do mundo amarga sorte,  
Quando desfez o Tempo duro fado,  
Devolvendo-me o sonho ao gral da Morte!*

Adverte-nos contra os prazeres sensuais, emanados do instinto da carne efêmera e que a nada conduzem,